

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ-CEST
BRUNA SOLART PIRES MATTOS

OS DESAFIOS E AS PERSPECTIVAS DOS JOVENS E ADOLESCENTES DA EJA
NA ESCOLA MUNICIPAL WALTER CABRAL EM TEFÉ/AM

TEFÉ/AM
2017

BRUNA SOLART PIRES MATTOS

**OS DESAFIOS E AS PERSPECTIVAS DOS JOVENS E ADOLESCENTES DA EJA
NA ESCOLA MUNICIPAL WALTER CABRAL EM TEFÉ/AM**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST como requisito final para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Msc. Leni Rodrigues Coelho

TEFÉ/AM
2017

BRUNA SOLART PIRES MATTOS

OS DESAFIOS E AS PERSPECTIVAS DOS JOVENS E ADOLESCENTES DA EJA NA
ESCOLA MUNICIPAL WALTER CABRAL EM TEFÉ/AM

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao curso de Pedagogia, da
Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST
como requisito final para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Banca Examinadora

Profa Msc. Leni Rodrigues Coelho CEST-UEA

Profa Msc. Monica Dias de Araújo CEST-UEA

Profa Msc. Adilma Portela da Fonseca Torres CEST-UEA

Teféde de

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos amores de minha vida, meus pais por ter lutado pela minha educação, o meu esposo pela ajuda e compreensão e a minha filha pelo amor e o sorriso cedido a cada dia que passei trabalhando na construção desta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e forças para enfrentar as diversas barreiras que encontrei no caminho.

Aos meus pais, Sebastiana e Eduardo, que tanto lutaram pela minha educação;

À minha orientadora, Leni Rodrigues Coelho, que é uma excelente profissional e amiga pela atenção, cuidado e respeito que teve comigo;

Ao meu esposo, Francinildo Mattos, por ter estado comigo nesta jornada de estudos;

A todos as colegas da UEA que comigo partilharam as aulas, enriquecendo o meu saber;

À Direção da Escola Municipal Walter Cabral, por ter aceitado o desafio de abrir o espaço escolar para o trabalho de pesquisa em educação.

Ao CEST - UEA pela oportunidade e apoio durante todo o período que passamos aqui.

A todos os professores do curso, que contribuíram para minha formação e incentivaram todos os pequenos projetos ampliando os conhecimentos adquiridos em sala.

E a todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente na conclusão desta etapa de minha vida e que mesmo não citados aqui não deixam de merecer meus agradecimentos.

Obrigada.

RESUMO

O presente trabalho discute os Desafios e as Perspectivas dos Jovens e Adolescentes da EJA na Escola Municipal Walter Cabral em Tefé/AM. Educar jovens e adultos é um desafio que implica muitas habilidades e muita dedicação, além de ser uma tarefa árdua exige esforço, planejamento e muitas responsabilidades. Ainda nessa pesquisa a é justificativa através de coletas de dados; Quais as expectativas dos jovens e dos adolescentes da EJA? Quais os motivos que fizeram com que os jovens e adolescentes buscassem a EJA? O que a escola tem feito para orientar os jovens e adolescentes e incentivá-los a continuarem os seus estudos? Nesta pesquisa tem como objetivo geral: Analisar os fatores que contribuem para o aumento da quantidade de adolescentes na EJA na Escola Municipal Walter Cabral, e específicos: Conhecer quais as expectativas dos Jovens e Adolescentes da EJA. Verificar os motivos que fazem com que os adolescentes busquem a EJA; Pesquisar o que a escola tem feito para orientar os adolescentes e incentivá-los a continuarem seus estudos. Esta pesquisa terá uma corrente filosófica fenomenológica, onde a mesma irá compreender descrever e interpretar os acontecimentos que possam nos ajudar a avaliar as situações concretas, dados e informações, pois bem se sabe que na educação existem muitas dificuldades a serem vencidas, encontrar profissionais que não estejam apenas preocupados com salários e busquem dedica-se no resgate desses sujeitos, no desenvolvimento tanto para o educando quanto para o professor, buscando não só conhecer o sujeito, mas compreender suas razões sociais, podendo assim refletir melhor nos interesses e na problemática que essa modalidade enfrenta, e os resultados obtidos foram muito satisfatório.

Palavra Chave: Educação de Jovens e Adultos, Vivências na EJA, Educação.

ABSTRACT

This paper discusses the Challenges and Perspectives of Young People and Adolescents at the Walter Cabral Municipal School in Tefé / AM. Educating young people and adults is a challenge that involves many skills and dedication, besides being an arduous task requires effort, planning and many responsibilities. Still in this research the justification through data collection; what are the expectations of young people and adolescents at YAE? What were the reasons that made young people and adolescents seek the YAE? What has the school done to guide young people and adolescents and encourage them to continue their studies? In this research the general objective is: To analyze the factors that contribute to the increase of the number of adolescents in the YAE in the Municipal School Walter Cabral, and specific: To know the expectations of the Young and Adolescent of the YAE. Check the reasons that cause adolescents to seek the YAE; Research what the school has done to guide teens and encourage them to continue their studies. This research will have a phenomenological philosophical current, where it will understand to describe and interpret the events that can help us to evaluate the concrete situations, data and information, since it is well known that in education there are many difficulties to be overcome, to find professionals who do not They are only concerned with salaries and seek to dedicate themselves to the rescue of these subjects, in the development both for the student and the teacher, seeking not only to know the subject, but to understand their social reasons, thus being able to better reflect on the interests and problems that this Modality faces, and the results obtained were very satisfactory.

Key words: Youth and Adult Education; Experiences in YAE; Education.

LISTA DE ABREVIATURA

EJA – Educação de Jovens e Adultos

PCN´S – Parâmetro Curricular Nacional

SEA - Serviço de Educação de Adultos

CEAA- Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

CNER – Campanha Nacional de Educação Rural

CENEA – Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo

MEB – Movimento de Educação de Base

CNBB – Conferência Nacional de Bispos do Brasil

MCP – Movimento de Cultura Popular

ABC – Ação Básica Cristã

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

DESU – Departamento do Ensino Supletivo

SESU – Subsecretaria de Ensino Supletivo

PNAC – Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

FUNDEF – Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental

PAS – Programa Alfabetização Solidária

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura

MEC – Ministério da Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: AVANÇOS E RETROCESSOS.....	11
1.1 A EJA NA COLÔNIA E NO IMPÉRIO.....	11
1.2 A EJA NA PRIMEIRA REPÚBLICA.....	12
1.3 A EJA NA ERA VARGAS.....	12
1.4 A EJA NO PERÍODO DAS LUZES.....	14
1.5 A EJA NO PERÍODO MILITAR.....	15
1.6 A EJA NA NOVA REPÚBLICA.....	18
2. OS DESAFIOS E AS PERSPECTIVAS DOS JOVENS E ADOLESCENTES DA EJA NA ESCOLA MUNICIPAL WALTER CABRAL EM TEFÉ/AM.....	21
2.1 OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES DOS ALUNOS DA EJA NA ESCOLA MUNICIPAL WALTER CABRAL.....	21
2.2 OS DESAFIOS DA EJA NA ESCOLA MUNICIPAL WALTER CABRAL.....	25
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICE.....	33

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute sobre a Educação de Jovens e Adultos: Avanços e Retrocessos e os Desafios e as Perspectivas dos Jovens e Adolescentes da EJA na Escola Municipal Walter Cabral em Tefé/Am. O debate sobre a educação destinada para jovens e adultos se torna necessário e atual, uma vez que presenciamos em nosso país, ainda hoje, um elevado índice de analfabetismo. Sendo assim a EJA veio a existir para tentar amenizar um pouco esse analfabetismo, com isso criou-se campanhas destinadas a ajudar a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Sendo assim através dessa temática criou-se a seguinte problemática: Por que a demanda de jovens e adolescentes continua crescendo na Escola Municipal Walter Cabral em Tefé/AM? Diante da problemática anunciada têm-se as seguintes questões norteadoras: Quais as expectativas dos jovens e dos adolescentes da EJA? Quais os motivos que fizeram com que os jovens e adolescentes buscassem a EJA? O que a escola tem feito para orientar os jovens e adolescentes e incentivá-los a continuarem os seus estudos?

A escola ajuda e facilita a esses alunos o acesso ao âmbito escolar, e é necessário que a mesma juntamente com os professores possa incentivar aos jovens e adolescentes a permanecerem e continuar estudando, pois mesmo que terminem com a idade atrasada os jovens e adolescentes também são importantes para escola, e o professor deve procurar novos conteúdos que chamem a atenção desses jovens e adolescentes, pois com isso serão formados estudantes pesquisadores, leitores críticos e só assim a educação tende a melhorar.

CAPITULO I

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: AVANÇOS E RETROCESSOS

O presente tema vem relatar um pouco sobre os avanços e retrocessos da educação de jovens e adultos e o debate sobre a educação destinada para jovens e adultos se torna necessário e atual, uma vez que presenciamos em nosso país, ainda hoje, um elevado índice de analfabetismo.

1.1 A EJA NA COLÔNIA E NO IMPÉRIO

A Educação de Jovens e Adultos, desde que o Brasil ainda era Colônia vem sofrendo com a desvalorização da educação, mas sempre houve práticas formais e informais que estão relacionadas à aquisição ou ampliação de conhecimentos básicos. É necessário considerarmos as mudanças que essa modalidade de ensino passou, e estas podem ser consideradas de avanços e de retrocessos.

Soares (2001, p.205), faz uma avaliação da trajetória nas discussões sobre a EJA e afirma que “apesar do que já se discutiu e dos avanços da pesquisa na área da Educação de Jovens e Adultos, os governos lhe dão pouca importância.” Sabe-se que demorou anos para que essa modalidade de ensino fosse de fato considerada como parte integrante da educação e apoiada pelo governo. A preocupação com a educação de Jovens e Adultos só veio aparecer com a chegada dos Jesuítas, no entanto, estava voltada muito mais para catequizar as pessoas. Naquela época a EJA era destinada aos indígenas adultos e posteriormente aos negros escravizados com propósito de ensinar valores morais e religiosos.

Após a expulsão dos jesuítas houve uma desorganização no ensino da EJA, através das iniciativas de aberturas de escolas noturnas. Haddad (2001, p. 109), ressalta que no “Império a promulgação da Constituição de 1824, assegurava o direito de uma escolarização básica para todos, mas sabe-se que não foi bem isso que aconteceu.” Apenas a classe média e a elite tinham acesso à educação com qualidade, ficando a classe popular desfavorecida e esquecida.

Com a expulsão dos Jesuítas, a educação passou por um retrocesso, pois havia naquele momento um alto índice de analfabetismo e a leitura e a escrita se tornava algo importante, pois os cidadãos só poderiam votar se fossem alfabetizados, então era do interesse do governo propiciar as massas populares os conhecimentos elementares da leitura e da escrita. Segundo Haddad (2001, p.109) “o ato adicional de 1834, ao delegar a

responsabilidade por essa educação básica às províncias, reservou ao governo imperial os direitos sobre a educação das elites”. Com isso, a população mais pobre continuou a mercê das províncias. No período do Império e da Colônia a Educação de Jovens e Adultos era bastante discutida, mas pouco foi colocado em prática. Haddad (2001, p.109), menciona que no final do Império, “82% da população com idade superior a cinco anos ainda era analfabeta e o governo só pensava no seu bem estar e não da população”.

1.2 A EJA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Na Primeira República o desinteresse pela educação de adultos continuava e a Constituição de 1891, mantinha a divisão de classes e o pouco interesse com a educação da classe popular. A educação continuava sofrendo com a má qualidade do ensino, e a população sentiam-se excluída, pois não tinha também direito ao voto. No final da Primeira República começou a surgir às primeiras preocupações com a educação, mas muito pouco foi feito. Acerca dessa questão, Haddad (2001, p.110), ressalta que:

A partir da década de 1920, o movimento de educadores e da população em prol da ampliação dos números de escolas e da maioria de sua qualidade começou a estabelecer condições favoráveis à implementação de políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos.

Essa preocupação que deveria ter com a Educação de Jovens e Adultos, praticamente não teve e isso só viria ocorrer em meados da década de 1940, quando perceberam que a situação do Brasil estava muito desfavorável e não era bem vista diante dos países desenvolvidos. De acordo com Haddad (2001, p.110):

Além do mais, os precários índices de Escolarização que nosso país mantinha, quando comparados aos de outros países da América Latina ou do resto do mundo, começavam a fazer da educação escolar uma preocupação permanente da população e das autoridades brasileiras.

Foi nesse momento que a população começou a ser incluída na sociedade com direito a educação e passando a participar como cidadãos nas decisões da sociedade.

1.3 A EJA NA ERA VARGAS

Na Era Vargas a população passou a ser reconhecida como cidadãos de direitos e a Constituição de 1934, trouxe a esperança de uma educação melhor para todos os cidadãos. O Plano Nacional de Educação estava a favor da educação e assegurou a todos direitos iguais.

Esse Plano começou a colocar em prática o que era para ter sido feito desde a Colônia e o Império. Segundo Haddad (2000, p.110):

A nova constituição propôs um Plano Nacional de Educação, fixado, coordenado e fiscalizado pelo governo federal, determinando de maneira clara as esferas de competência da União, dos Estados e Municípios em matéria educacional: vinculou constitucionalmente uma receita para a manutenção e o desenvolvimento do ensino; reafirmou o direito de todos e o dever do Estado para com a educação; estabeleceu uma série de medidas que vieram confirmar este movimento de entregar e cobrar do setor público a responsabilidade pela manutenção e pelo desenvolvimento da educação.

É possível perceber que a Educação de Jovens e Adultos só no final da década de 1940 começou a vislumbrar mudanças. A criação de programas deu prioridade aos adultos analfabetos. Um dos programas criados para ajudar a educação de adultos foi o Fundo Nacional do Ensino Primário, e através dos seus recursos obtidos atendia a população que não tinham educação no sistema regular de ensino.

Haddad (1979, p.111), ressalta que “no ano de 1945 o fundo de garantia foi regulamentado, e estabelecendo que 25% dos recursos de cada auxílio, que deveria ser aplicados num plano geral de Ensino Supletivo destinado a adolescentes e adultos analfabetos”. Dentre essas mudanças acontecidas no âmbito da EJA houve mais mudanças com a Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO), que ao perceber que a educação não estava indo bem, a mesma denunciou ao mundo as desigualdades entre os países e alertou para o papel que deveria desempenhar a educação, em especial a de adultos.

Assim, foram surgindo às primeiras campanhas em prol da alfabetização e um dos primeiros órgãos a ser criado foi o Serviço de Educação de Adultos (SEA), em 1947, este, era responsável pelos trabalhos e campanhas desenvolvidos na Educação de Jovens e Adultos.

A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) teve uma influência foi significativa, principalmente por ter criado uma infraestrutura nos Estados e Municípios para atender a Educação de Jovens e Adultos. Tal campanha não focava apenas na alfabetização das pessoas e sim no seu desenvolvimento para garantir a autonomia das pessoas em sociedade. O seu objetivo era levar a educação aos brasileiros iletrados e estimular o desenvolvimento social, econômico e promover a melhoria das condições de vida da população.

As ações desenvolvidas no final da década de 1940 tinham como objetivo erradicar o analfabetismo no Brasil, no entanto, isso não ocorreu. Duas outras campanhas foram organizadas pelo Ministério da Educação e Cultura: a Campanha Nacional de Educação Rural

(CNER) e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CENEA), ambas tiveram as suas vidas curtas e pouco realizaram em favor da educação. (PAIVA, 1973)

Com a atuação dos educadores e a criação dos programas destinados a EJA, a educação destinada às massas passou a ser observada mais de perto e o analfabetismo passou então a ser considerado como um problema nacional, ou seja, que deveria ser resolvido.

1.4 A EJA NO PERÍODO DAS LUZES

Nos anos de 1959 a 1964, foi constituído um momento bastante especial no campo da educação de jovens e adultos. Foram realizadas grandes campanhas em favor do analfabetismo, e a Educação de Jovens e Adultos começou a ganhar o seu lugar e reconhecimento. Segundo Paiva (1973, p.210):

Aquele que se caracterizou pela busca de maior eficiência metodológica e por inovações importantes neste terreno, pela reintrodução da reflexão sobre o social no pensamento pedagógico brasileiro e pelos esforços realizados pelos mais diversos grupos em favor da educação da população adulta para a participação na vida política da Nação.

Essa renovação pedagógica aconteceu no momento de muita agitação no processo político daquele momento histórico. Por isso, a educação sem dúvida era de maneira privilegiada e a que mais oferecia práticas sociais e não era conhecida só por sua face pedagógica, mas também por suas características de prática política. O educador Paulo Freire foi um grande transformador de conhecimentos, e conhecido por atuar em projetos de alfabetização. Segundo Freire (2001, p.17):

Vários debates sobre a prática da alfabetização de adultos, numa proposta de pedagogia crítico-libertadora que inclui elementos filosóficos fundamentais como a dialogicidade, a leitura da palavra não dissociada da leitura do mundo, a importância do saber e da cultura do educando, o educando enquanto sujeito de sua história e tantos outros que estas referências acabaram por se transformar, no imaginário de muitos educadores, também um método de alfabetizar o adulto.

Paulo Freire não seguiu o método tradicional de ensino, e criou uma nova visão no ensino de adultos. Isso foi tão eficaz que vários outros movimentos adotaram, sendo assim muitos monitores foram contratados e treinados para trabalhar alfabetizando as pessoas.

A Educação no Brasil estava crítica, e o que preocupava mais era o analfabetismo de muitos adultos, porém apenas a educação básica era mais valorizada, davam mais importância às crianças do que aos adultos. Mas como podemos perceber foi no Período de Luzes que tudo isso começou a mudar devido às campanhas existentes para acabar com o analfabetismo. Uma das primeiras campanhas que surgiram foram chamados de projeto piloto. A Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), criada em 1958, e pretendia ser um

programa experimental destinado à educação popular em geral. Um dos principais projetos-piloto foi o de Leopoldina. Segundo Paiva (2003, p.244-245):

O plano experimental previa um programa de estudos e levantamentos das condições sociais, econômicas e culturais das áreas a serem objeto da experiência, pois os estudos realizados constavam que em grande número de alunos abandonava as aulas antes do primeiro mês de estudos, 65% não chegavam a uma alfabetização satisfatória e pouco mais de 8% logravam permanecer na escola por mais de um ano.

Com a obtenção desses dados o projeto queria ajudar a educação e o desenvolvimento de adultos e crianças a serem alfabetizados. Essa campanha se expandiu por vários lugares do Brasil, entrando em crise devido aos gastos e isso levou a sua extinção em 1963.

Outro movimento de projeção nacional foi o Movimento de Educação de Base (MEB), surgido em 1961, por meio da Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), protagonizado pelos setores progressista da Igreja e tinha as suas origens nas experiências da educação radiofônica. O governo federal passou a patrociná-lo, dando-lhes recursos para a criação de uma educação de base veiculada por meio de emissoras católicas.

O MEB se alinhava a esses movimentos e sua ação no apoio ao sindicalismo rural, realizou um trabalho amplo em educação popular, no campo da alfabetização e das mobilizações sociais dos setores camponeses. Foi o único a utilizar o rádio como meio de instrumento para a atuação educativa e pedagógica, não só realizou em profundidade a sua proposta como também trouxe para a educação brasileira contribuições para a utilização do rádio como instrumento didático e pedagógico para a educação popular em geral e para a alfabetização de adultos.

Outra experiência desenvolvida no início dos anos de 1960 foi o Movimento de Cultura Popular (MCP), que realizava proposta de atendimento educacional tanto para as crianças quanto para os adultos, ligadas às necessidades da população menos favorecida recuperando a cultura como elemento fundamental de compreensão e transformação da realidade.

1.5 A EJA NO PERÍODO MILITAR

No período militar, os movimentos de educação foram reprimidos, os dirigentes foram perseguidos, e seus ideais censurados. Só o MEB continuou a existir, mas a educação não era a mesma. Então a ruptura política ocorreu com o movimento de 1964 que tentou acabar com as práticas educativas, mas alguns programas de caráter conservador foram permitidos ou mesmo incentivados, como a Cruzada de Ação Básica Cristã (ABC). Esse programa foi nascido no Recife e ganhou caráter nacional, por que estava tentando ocupar os

espaços deixados por programas criados anteriormente. A Cruzada ABC servia de maneira assistencialista aos interesses do regime militar, tornando praticamente um programa semioficial, como todos os outros programas também foi extinta. Sua proposta de educação era contra as concepções do educador Paulo Freire e uma das causas da sua extinção foi à falta de verba no ano de 1971.

Sendo assim, a resposta só veio com a fundação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), em 1967, que tinha o intuito de acabar com o analfabetismo. O Movimento Brasileiro de Alfabetização foi criado pela Lei 5.379, de 15 de dezembro de 1967, fruto do trabalho realizado por um grupo interministerial, foi um programa de maior extensão apoiado pelo Estado.

No ano de 1969, o MOBRAL começou a se distanciar da proposta inicial, voltada aos aspectos pedagógicos, se configurou como um programa que, por um lado, tinham que atender os objetivos dos marginalizados do sistema escolar e por outro lado, atender aos objetivos políticos dos governos militares. Paiva (1982, p.99) ressalta que:

Buscava-se ampliar junto as camadas populares as bases sociais de legitimidade do regime, no momento em que esta se estreitava junto às classes médias em face do AI-5, não devendo ser destacada a hipótese de que tal movimento tenha sido pensado também como instrumento de obtenção de informações sobre o que se passava nos municípios do interior do país e na periferia das cidades e de controle sobre a população. Ou seja, como instrumento de segurança interna.

O MOBRAL foi implantado com três características básicas: o paralelismo em relação aos demais programas de educação, seus recursos financeiros dependiam de verbas. A segunda característica foi à organização operacional descentralizada através de Comissões Municipais espalhadas por quase todos os municípios brasileiros, e que se encarregaram de executar a campanha nas comunidades, promovendo e recrutando analfabetos para as salas de aulas. E por fim a centralização de direção do processo educativo, através da Gerência Pedagógica do MOBRAL Central, encarregada pela organização e execução da avaliação do processo educativo. (PAIVA, 1982).

O MOBRAL foi criticado pelo pouco tempo destinado a alfabetização e pelos critérios empregados na verificação de aprendizagem, criticava-se também o paralelismo da gestão e do financiamento do MOBRAL em relação ao departamento de Ensino Supletivo e ao orçamento do MEC. Em 1974, Arlindo Lopes Correia assumiu a direção do MOBRAL, com a responsabilidade de defender o programa e assegurar sua continuidade. No final da década de 1970, o MOBRAL modificou seus objetivos, ampliou para outros campos de trabalho, desde a educação comunitária até a educação de crianças, em um processo de

permanente mudança que visava a sua sobrevivência diante dos fracassos para superar o analfabetismo no Brasil.

Entretanto, uma parcela significativa do projeto educacional do regime militar foi consolidada na Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, no capítulo IV, o Ensino Supletivo foi regulamentado. A lei atendia ao duplo objetivo de recuperar o atraso dos que não puderam realizar a sua escolarização na época adequada, complementando o êxito empolgante do MOBRAL que vinha vencendo o analfabetismo no Brasil. (HADDAD, 1989).

Vale ressaltar três princípios estabelecidos ao Ensino Supletivo: a definição do Ensino Supletivo como um subsistema integrado, dependente do ensino regular, porém com este intimamente relacionado. O segundo, colocar o Ensino Supletivo, voltado para o esforço do desenvolvimento nacional. Terceiro, o Ensino Supletivo deveria ter uma metodologia apropriada aos grandes números característicos desta linha de escolarização. O Ensino Supletivo se propunha a recuperar o atraso, reciclar o presente, formando mão-de-obra que contribuísse no esforço para o desenvolvimento nacional, através de um novo modelo de escola. (HADDAD, 1989).

Era preciso que o ensino supletivo ampliasse a oferta de formação profissional, para aqueles que já trabalhavam, com isso, foi agregado cursos fundados na concepção de educação permanente, buscando assim, responder aos objetivos de uma escolarização menos formal e mais aberta.

E por fim a qualificação foi à função encarregada da profissionalização que, sem se preocupar com a educação geral, atenderia ao objetivo prioritário de formação de recursos humanos para o trabalho. O funcionamento dessas quatro modalidades deveria se realizar tomando por base duas intenções: atribuir uma prioridade aos cursos e exames que visassem o aperfeiçoamento para o trabalho e a liberdade de organização, evitando-se que o Ensino Supletivo resultasse em uma aparência enganosa do Ensino Regular.

O Ensino Supletivo só foi apresentado à sociedade como um projeto de escola do futuro e elemento de um sistema educacional compatível com a modernização socioeconômica observada no país nos anos 1970. O Ensino Supletivo não se tratava de uma escola voltada aos interesses de uma determinada classe, como quiseram os movimentos de cultura popular, mais se tratava de uma escola que não se distinguia por sua clientela, pois a todos deveria atender em uma dinâmica de permanente atualização. Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p.118):

Propunha-se realizar uma oferta de escolarização neutra, que a todos servia. O Ensino Supletivo, por sua flexibilidade, seria a nova oportunidade dos que perderam a possibilidade de escolarização em outras épocas. O Ensino Supletivo quando foi

concebido pelos documentos legais, deveria estruturar-se em um Departamento no Ministério da Educação e Cultura, o departamento de Ensino Supletivo (DESu).

Esse departamento teria uma direção geral com o objetivo de coordenar o desenvolvimento de todas as atividades de educação de adultos em nível nacional, visando, sobretudo, à sua expansão integrada com outras agências. Os programas federais decorrentes da criação do Ensino Supletivo ficaram a cargo do Departamento do Ensino Supletivo (DESU) do MEC de 1973 a 1979, quando o órgão foi transformado em Subsecretaria de Ensino Supletivo (SESU).

1.6 A EJA NA NOVA REPÚBLICA

Na Nova República, as pessoas poderiam novamente ter o direito de se expressarem e ir atrás de seus ideais, mas, sabe-se que não foi bem assim. A nova república marcou simbolicamente a ruptura com a política de Educação de Jovens e Adultos, com a extinção do MOBRAL, porque a sua imagem era identificada como práticas do regime autoritário. Este foi criado no período militar e substituído em 1985 pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (FUNDAÇÃO EDUCAR), assim como o MOBRAL a Fundação Educar era responsável pela EJA. O MOBRAL não encontrou na Nova República condições políticas e eficácia nos mecanismos de preservação institucional que utilizara no período anterior, motivo esse pelo qual foi substituído em 1985 pela Fundação Educar. Apesar de ter herdado algumas características do MOBRAL, a Fundação Educar colocou muitas das inovações sugeridas em suas diretrizes políticas pedagógicas.

No artigo 208 da Constituição Federal de 1988, ressalta que nenhum feito no terreno institucional foi mais importante para a Educação de Jovens e Adultos nesse período que a conquista do direito universal ao ensino fundamental público e gratuito, independente de idade. Sabe-se que não foi isso, que aconteceu, por que uma das medidas que foram tomada no início do governo de Fernando Collor, foi a extinção da fundação Educar, e com isso os governos estaduais e municipais ficaram com a responsabilidade pela educação. Para Haddad e Di Pierro (2000, p. 121).

A extinção da Educar surpreendeu os órgãos públicos, as entidades civis e outras instituições conveniadas, que a partir daquele momento tiveram que arcar sozinhas com a responsabilidade pelas atividades educativas anteriormente mantidas por convênios com a fundação.

Então com a Fundação Educar extinta, os governos tiveram que elaborar programas, muitos deles nem chegaram a sair do papel como o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC). Este prometia mudar a educação, assim como os outros programas. Com

a falta de investimento para a EJA, ocorreu uma reforma educacional no ano de 1995, e mais uma vez a EJA ficou de fora do orçamento do Governo Federal.

No governo de Fernando Henrique Cardoso, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a (LDB), Lei nº 9.394/96, na qual reservou um espaço privilegiado para a educação profissional e a Educação de Jovens e Adultos teria sido deixada de lado. De acordo com Haddad (2007, p.9):

A nova LDB, aprovada também em 1996, apesar de reconhecer o direito à EJA, acabou por deixar de lado uma série de iniciativas importantes à realização plena desse direito [...] A LDB deixou de contemplar, ainda algo que é fundamental para a EJA: uma atitude ativa por parte do poder público na convocação e na criação de condições para que o aluno possa frequentar a escola.

Com isso, parece que a educação não é merecedora de nada, é apenas uma modalidade de ensino, então podemos ver o descaso com a educação, que vem desde o passado e hoje não é tão diferente.

Neste contexto criou-se também o Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental (FUNDEF), com o objetivo de cancelar e redistribuir os cargos públicos, excluindo assim a educação infantil e a educação de jovens e adultos.

Existiram outros programas ou movimentos destinados a EJA, como por exemplo, o Programa Alfabetização Solidária (PAS), que servia para desenvolver ações sociais de combate à pobreza, com o objetivo de reduzir as desigualdades regionais e o índice de analfabetismo.

Ao longo do século XX o percentual de analfabetismo foi diminuindo, até no ano de 1996 quase um terço da população com mais de 14 anos não havia ainda concluído os anos iniciais do ensino fundamental. Tais dados podem mostrar que os desafios não são apenas na Educação de Jovens e Adultos, mas também nos anos iniciais do ensino fundamental que nem sempre frequentam a escola.

A UNESCO uma das agências das Nações Unidas responsável pra promover paz e direitos igualitário a todos, promoveu uma discussão ética e intelectual sobre a educação de jovens e adultos em (1990) uma conferencia mundial de educação que estabeleceram compromissos mundiais que garantissem os direitos a vida digna de todos. A partir dai muitas outras conferencias foram feitas a favor da EJA. Em (1997) com declaração de Hamburgo Alemanha, elaborou um documento discutido pela 5ª conferencial Internacional de Educação de adultos (CONFINTEA) que embasaram a ação funcional da educação de jovens e adultos. Conforme o 3º artigo da declaração de Hamburgo (CONFINTEA) salienta que:

Todos os processos de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas adultas pela sociedade desenvolvam e aperfeiçoem suas qualificações técnicas e profissionais direcionando-as para a satisfação das suas necessidades e de sua sociedade.

Somente a partir de Hamburgo, em 1997, que a CONFINTEA teve um impacto mais visível sobre o movimento social da EJA. Essas conferências realizadas pela UNESCO trouxeram uma atenção maior para o campo da EJA, são discutidas melhorias para o ensino da EJA e a melhor forma de superar as lacunas humanitárias, políticas e sociais.

Portanto, a Educação de Jovens e Adultos muitas vezes é esquecida, mesmo tendo avançado no decorrer da história da educação do Brasil, ainda continua tendo que superar os desafios. Graças às campanhas e os movimentos que existiram, a educação de jovens e adultos foi melhorando no decorrer dos anos. Neste sentido, pode-se considerar que embora os alunos que frequentem a modalidade de educação de jovens e adultos ainda sejam vistos como alunos fracassados por terem abandonado a escola, é necessário e indispensável que se busque conhecer quais os motivos deste abandono.

Acredita-se que a educação vem melhorando lentamente e os Jovens muitas vezes não tem o apoio necessário para se qualificar e por isso é necessário que todos reconheçam que a educação é direito de todos.

II CAPITULO

OS DESAFIOS E AS PERSPECTIVAS DOS JOVENS E ADOLESCENTES DA EJA NA ESCOLA MUNICIPAL WALTER CABRAL EM TEFÉ/AM

Este capítulo discute as demandas dos Jovens e Adolescentes na EJA e os motivos que levaram os jovens e adolescentes a estarem na EJA, pois muitos dos jovens e adolescentes precisam de motivação para continuar estudando. Através do estudo foi possível perceber que a Escola Walter Cabral, recebe um número significativo de jovens e adolescentes, que estão se matriculando na EJA, então procurou saber o que leva esses jovens e adolescentes a não concluírem o ensino regular e optar pela EJA.

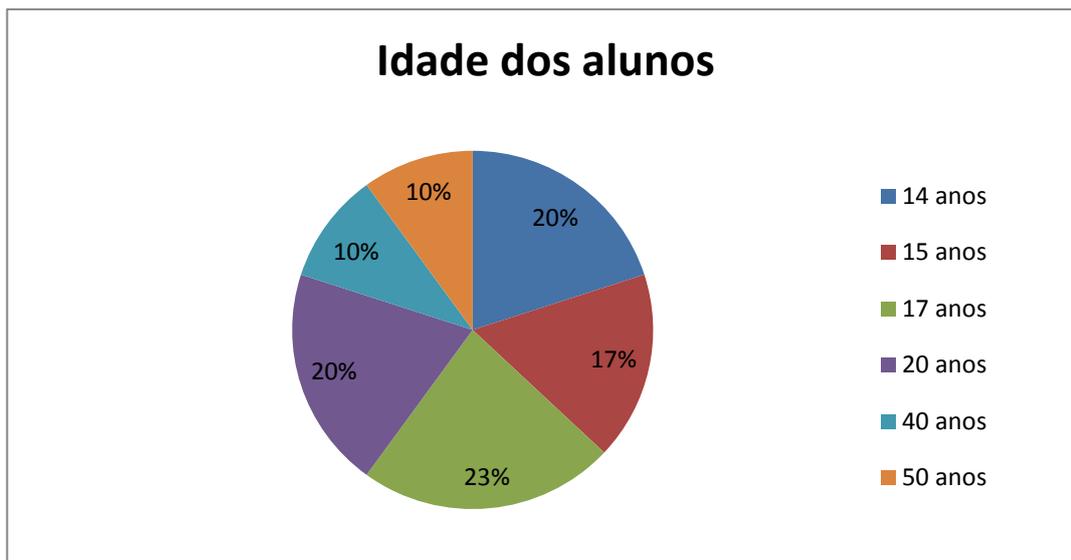
A análise documental revelou que a escola facilita o acesso dos alunos nessa modalidade de ensino e juntamente com os professores incentivam os jovens e adolescentes a permanecerem e continuarem estudando, pois, a escola tem a intenção de formar leitores críticos, melhorando assim, a qualidade de vida e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa.

2.1 OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES DOS ALUNOS DA EJA NA ESCOLA MUNICIPAL WALTER CABRAL

A EJA vem sendo procurada pelos jovens e adolescentes, na maioria das vezes por falta de opção, por não conseguir terminar os estudos na idade certa no ensino regular, por terem que trabalhar para ajudar na renda familiar e no caso das adolescentes, por engravidar e não ter condição de continuar os estudos. Na Escola Municipal Walter Cabral, o índice de adolescentes e jovens que estão matriculados na Educação de Jovens e Adultos é significativo. Segundo Ana, professora da EJA, *“os Jovens e Adolescentes chegam na EJA por que estão fora da idade para estudar no ensino regular, ou por que trabalham e por outras questões da vida”*.

No que se refere à faixa etária dos estudantes da EJA na Escola Municipal Walter Cabral, percebeu-se que aproximadamente 80% desses estudantes pertencem à faixa etária de 14 a 20 anos. Os dados no gráfico abaixo revelam que o aluno procura a EJA cada vez mais jovem para iniciar ou dar continuidade aos estudos.

Gráfico 01: Faixa etária dos estudantes da EJA



Fonte: do autor.

As fontes documentais revelaram que a busca pela escolarização é crescente, o que é de se esperar, uma vez que vivemos atualmente em uma sociedade que exige não apenas as habilidades básicas de ler, escrever e contar, como víamos a algumas décadas. Quando surgem barreiras ou empecilhos para o ser humano permanecer em um ambiente escolar, o abandono parece ser a única alternativa. A adolescência é uma fase complicada e a família é uma das que mais sofrem com tudo isso, os jovens e adolescentes se desmotivam de tudo, a falta de diálogo com a família faz com que os desinteresses pelos estudos se acentue. De acordo com Ana, professora da EJA: *“muitos alunos não têm força de vontade, estão na escola por estar, mesmo assim, procuramos incentivá-los”*.

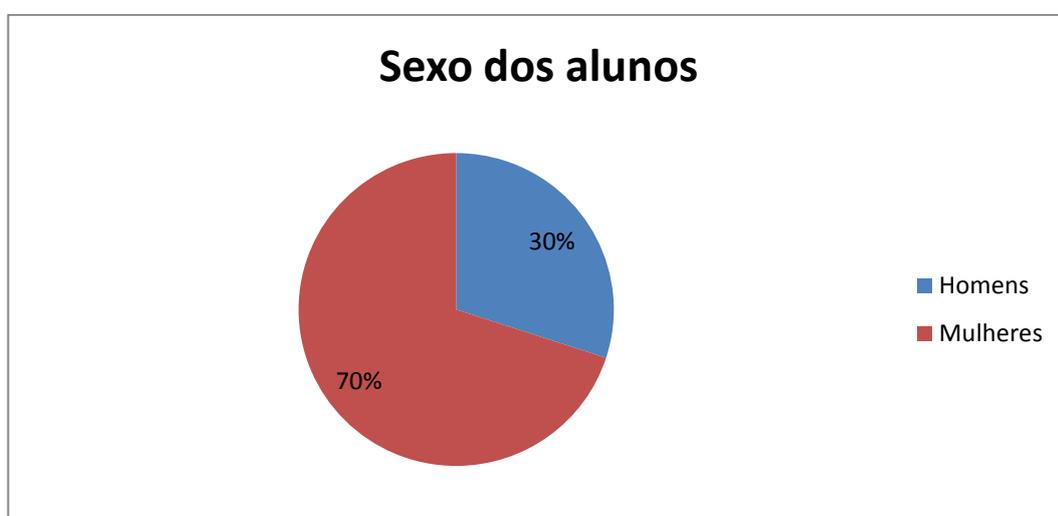
Ramalho (2010) caracteriza a evasão como uma expulsão escolar, porque a saída do aluno da escola não é um ato voluntário, mas uma imposição sofrida pelo estudante, em razão de condições adversas e hostis do meio. Tais questões fazem com que, todos os anos, muitos estudantes desistem de estudar, ou deixam a sala de aula temporariamente. No que se refere ao âmbito local, percebeu-se que não há divergência. Segundo Joana, pedagoga da EJA, *“aqui na escola são os adolescentes, que muitos se rebelam e não querem mais estudar, mais a maioria desses alunos desistentes são de situações financeiras baixas e precisam ir para a roça”*.

Para Ramalho (2010), existem algumas questões sociais que trazem implicações sérias para a vida dos adolescentes e jovens, tais como: a vulnerabilidade, muitos estudantes enfrentam problemas como a pobreza extrema, drogas e exploração infantil; o trabalho, acompanhado da necessidade de ajudar na renda familiar faz com que muitos jovens e adolescentes desistem do ensino regular, e tem que estar na EJA e a gravidez precoce, a

chegada do primeiro filho afasta muitas adolescentes da sala de aula. No que tange as adolescentes da Escola investigada, verificou-se que as meninas enfrentam estes desafios com frequência, algumas chegam a ser obrigadas a parar de estudar para cuidar dos filhos. Para Luana, aluna da EJA, a dificuldade ao retornar à escola é, *“apenas o meu filho, pois é bebê e de vez em quando ele fica doente e não dar pra eu ir estudar”*.

Na investigação, percebeu-se que a maioria dos alunos da EJA, são do sexo feminino e a minoria do sexo masculino. O gráfico abaixo revela essa realidade.

Gráfico 02: Sexo dos alunos que frequentam a EJA



Fonte: do autor.

Geralmente a desistência dos adolescentes ocorre por inúmeros fatores, tais como: a dificuldade de aprendizagem, o esgotamento físico devido ao trabalho, a falta de motivação e até mesmo pela postura dos professores e da escola.

Souza (1994) realizou estudos que visaram compreender os sentimentos e as expectativas com relação à escola e as representações dos alunos da EJA, que tiveram passagem pelo ensino regular. Tais estudos revelaram que depois dos alunos passarem um longo tempo fora da escola, ao retornarem, atribuíram mais valor à educação, com isso, foram se fortalecendo e atribuindo a escola um papel essencial para a transformação de suas vidas. Ao analisar os dados coletados na Escola Walter Cabral, constatou-se que esta realidade não é diferente, pois, segundo Luana, aluna da EJA, *“no meu ponto de vista agora o estudo é tudo, por que sem ele tudo fica mais difícil”*.

Pode-se considerar grosso modo, que os desafios e a faixa etária dos estudantes da EJA são diversos, por isso a finalidade dessa modalidade não pode ser somente de combater o analfabetismo, é necessário também promover o conhecimento a classe social menos

favorecida, uma vez que, por décadas ficaram desprovidas de escolarização que contribuísse para o crescimento pessoal e profissional.

No que se refere ao papel do educador de jovens e adultos, acredita-se que este deve estar apto a desempenhar suas funções em sala de aula, a utilizar instrumentos e métodos diversificados para que os alunos da EJA possam representar o seu conhecimento em suas atividades. Quanto à avaliação, deverá considerar as experiências de vida de cada educando, valorizar as experiências do cotidiano no processo formativo, explorar cada vivência para que haja uma adequação nas atividades propostas de forma que o aluno possa formar uma aprendizagem a partir do seu nível de conhecimento e inteligência. Ao questionar Claudia, a professora da EJA acerca do trabalho desenvolvido em sala de aula foi salientado que, *“trabalho sempre textos reflexivos, vídeos didáticos onde os educadores tenham participação ativa, e trazem uma bagagem de conhecimentos que é compartilhado com a turma”*.

Neste sentido, é preciso considerar que os educandos EJA possuem experiências de vida diferenciadas, têm níveis de cultura e faixa etária diversas e que essas particularidades devem ser usadas como ponto de partida para a ação do professor em sala de aula.

Outras alternativas como a construção de portfólio, discussão coletiva, produção textual, aula vídeo, aula passeio e até mesmo a ludicidade devem ser consideradas como promotores de conhecimentos para o aluno e instrumento de avaliação para o educador, desde que sejam considerados inicialmente o conhecimento de mundo e as experiências vividas pelos educandos. Segundo Ana, professora da EJA utiliza *“uma metodologia voltada ao entendimento do aluno, vídeos, aula dialogada e outros. Precisa procurar a melhor forma de ministrar os conteúdos, eu procuro pesquisar na internet, em livros, revistas, etc.”*.

A EJA desde seu surgimento tem sido vista como refúgio e solução para combater o analfabetismo e o caminho para o avanço educacional, no entanto, são necessário que se busque novas metodologias educacionais, que utilize as novas tecnologias e que superem os métodos tradicionais. De acordo com Freire (1995, p. 98), o uso de computadores no processo de ensino aprendizagem, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa. *“Depende de quem usa a favor de quê e de quem e para quê”*.

Partindo desse pressuposto percebe-se que é preciso que as escolas que oferecem a modalidade EJA precisam dispor de profissionais qualificados, equipar os espaços com aparelhos multimídias para melhor atender as exigências do novo contexto e, portanto, o uso dos aparelhos tecnológicos tem proporcionado uma nova porta de entrada para o desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes.

2.2 OS DESAFIOS DA EJA NA ESCOLA NA WALTER CABRAL

No Brasil há uma diversidade de fatores e de desafios que são enfrentados pelos estudantes da EJA, que são matriculados nesta modalidade de ensino, adolescentes, jovens, adultos, idosos, migrantes, agricultores, sem-terra, pessoa privada de liberdade, com necessidade de reabilitação social, com deficiência, integrantes das questões raciais e religiosas e de diversas etnias.

Ao realizar esta investigação na Escola Walter Cabral, optou-se por buscar as respostas acerca dos desafios dos adolescentes e jovens, bem como o papel que a escola e os professores têm desempenhado no campo da EJA. Percebeu-se que na referida escola há uma procura pela EJA de adolescentes entre 14 até 17 anos, que por alguma razão sentiram a necessidade de retornar à escola. Sabe-se que a Educação de Jovens e Adultos representa uma dívida social, não reparada com aqueles que não tiveram acesso à escola na idade própria. Soares (1998, p.24), ressalta os desafios que os indivíduos não letrados têm que enfrentar todos os dias:

Um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, e se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

Como se vê, são muitos os motivos que levam os indivíduos a buscarem um nível melhor de escolaridade. Por isso, o professor deve ter um olhar sensível ao desenvolve suas atividades, pois cada estudante retorna à escola por um motivo diferente, ou seja, cada um tem seus sonhos, objetivos. Ao analisar as narrativas dos alunos entrevistados verificou-se que os desejos aos poucos têm sido alcançados. Segundo Márcia, aluna da EJA, *“hoje eu consigo ajudar os meus filhos na tarefa da escola e a minha vida em particular que melhorou muito”*. De acordo com Antônia, *“agora já consigo ler melhor, escrever quando os outros falam”*. Para Laura, *“já consigo ler e escrever um pouco e ajudar os meus pais”*. E por fim Pedro ressalta que, *“a minha alta estima e o meu aprendizado”*.

O que ressalta nas falas dos alunos é que o estudo é fundamental para atingir os objetivos seja no âmbito pessoal ou profissional, pois a nossa sociedade exige indivíduos escolarizados e produtivos. Acerca dessa questão, Konder (2000, p. 112), afirma que:

Toda sociedade vive porque consome; e para consumir depende da produção. Isto é, do trabalho. Toda a sociedade vive porque cada geração nela cuida da formação da geração seguinte e lhe transmite algo da sua experiência, educa-a. Não há sociedade sem trabalho e sem educação.

Nesta investigação, constatou-se que muitos dos estudantes da EJA, se deslocam do trabalho para a escola, chegam cansados, mas precisam lutar para concluir seus estudos. Diante disso, a escola, juntamente com o professor deve compreender as singularidades desses sujeitos e planejar ações diferenciadas e que não sejam cansativas. De acordo com Joana, Pedagoga da EJA, *“a escola sempre promove palestras sobre temas variados e sempre incentiva os alunos para a importância de continuarem os estudos, pois o mesmo vai ajudá-los em tudo na vida”*.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dos quase 40 milhões de jovens e adolescentes tem sua vida escolar interrompida, esses jovens e adolescentes são filhos de trabalhadores, empregados, subempregados ou desempregados, que vivem nas periferias ou bairros pobres das grandes e médias cidades ou no campo. Sabe-se que no Brasil os jovens e adolescentes tem que começar a trabalhar desde cedo, muitas vezes saem de casa ou tem que sustentar a sua família e o país paga salários irrisórios para aqueles com baixa ou nenhuma escolaridade.

De acordo com Saviani (1994, p.161), *“Ai está à contradição que se insere na ausência do capitalismo: o trabalhador não pode ter meio de produção, não pode deter o saber, mas sem o saber ele também não produz, porque para dominar a matéria precisa dominar algum tipo de saber”*. Dessa forma, o cidadão enquanto sujeito no mundo vive uma situação complexa e contraditória, pois o trabalho não deve interromper a sua vida escolar, mas o que ocorre de fato é que muitos dependem desse trabalho para a subsistência da família. Neste sentido, a aluna Flávia salienta que não deu continuidade aos estudos *“porque eu morava no interior e tinha que ir pra roça com os meus pais, e não dava pra ir todo dia à escola, meu pai falava que isso não ia encher a barriga”*.

Apesar dos inúmeros desafios no campo da EJA, se reconhece que alguns setores da sociedade brasileira têm se mostrado sensíveis aos desafios enfrentados pelos jovens e adultos, dentre eles encontramos as ONGs, as igrejas, os sindicatos e os movimentos sociais. Isso revela um novo tratamento com os jovens e adultos e os direitos à educação. Para Arroyo (2007, p.22):

Encontramos uma maior sensibilidade por saber quem são esses jovens e adultos. Penso que a reconfiguração da EJA não pode começar por perguntar-nos pelo seu lugar no sistema de educação e menos pelo seu lugar nas modalidades de ensino. Partir desse foco vai nos confundir mais do que ajudar na reconfiguração da EJA. A inserção ‘escolar’ não pode ser o ponto de partida. Seria uma pretensão desfocada.

É importante que os jovens e adolescentes recebam apoio de todos os setores, pois o que ocorre na maioria das vezes é a exclusão desses sujeitos, ou seja, geralmente eles são deixados à margem da sociedade. Segundo Arroyo (2007, p. 27):

A EJA vem sendo enredada nessa estreiteza do reconhecimento do direito à educação apenas ao ensino fundamental e apenas a essa idade 7 a 14 anos. Sem alargar essas estreitas visões do direito à educação não sairão do mesmo lugar: a EJA continuará um tempo de suplência, supletivo vão sendo abandonados, porém a lógica continua a mesma. Falamos em EJA de 1ª - 4ª e 5ª - 8ª. O direito a educação continua restrito ao ensino fundamental e à idade de 7 a 14 anos, porém se abre uma brecha para esse direito ao ensino fundamental para além dos 14 anos para suprir o cardápio intelectual que deveriam ter recebido quando criança e adolescentes.

Acredita-se que a EJA não deve objetivar apenas a suplência, uma vez que esta não deverá se limitar apenas a erradicação do analfabetismo e a qualificação de mão de obra barata. Não se pode pensar que o público da EJA está fadado ao trabalho mal remunerado e ao desemprego, pois, a educação seja ela ofertada por qualquer modalidade de ensino precisa visar um caráter político e transformador. Em âmbito local, verificou-se que os estudantes no geral buscam uma vida com mais dignidade. Para Ana, professora da EJA, *“a maioria dos alunos buscam no estudo uma melhoria, ou seja, um futuro melhor”*.

É importante ressaltar que na educação de jovens adultos as mudanças nas políticas públicas, nos métodos, nas metodologias e o maior investimento na formação docente pode ser um caminho viável para a concretização das finalidades nesta área. O educador de jovens e adultos deverá estar apto a usar instrumentos e métodos diversificados para que os alunos possam representar seus conhecimentos nas atividades.

Quanto aos métodos avaliativos deverá considerar as experiências de vida de cada educando no processo formativo, explorar cada vivência para que haja a aprendizagem a partir do seu nível de conhecimento e inteligência. Corroborando com esta ideia, Paiva (2005, p.202-203), ressalta que:

Educar jovens e adultos, em última instância não se restringe somente a tratar de conteúdos intelectuais, mas implica lidar com valores, com formas de respeitar e conhecer [...] como sujeito de direitos. Nenhuma aprendizagem, portanto, pode se fazer destruída do sentido ético, humano e solidário que justifica a condição de seres humanizados, providos de inteligência.

Portanto, deve-se considerar as experiências de vida dos educandos, valorizar as discussões coletivas, a produção textual e considerar o conhecimento de mundo, tendo como parâmetro de aprendizagem a avaliação diagnóstica e formativa. Tais cuidados irão contribuir para diminuir o índice de evasão na escola, já que este é considerado um dos maiores desafios enfrentados no campo da EJA. Ao analisar os dados levantados na Escola Walter Cabral,

verificou-se que “a evasão na EJA é um dos maiores problemas enfrentados pela escola, por que muitos desses alunos se matriculam estudam uns meses e depois se evadem sem nenhuma satisfação”. (Ana: professora da EJA). Como se vê, a evasão escolar tem preocupado os profissionais da educação, por isso é necessário dar vozes aos sujeitos da EJA, para que se sentam seguros, valorizados, motivados e interessados. Neste sentido, Dayrell (2003, p.43), salienta que o público da EJA, “são seres humanos, que amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida”.

Por isso, trabalhar com a EJA, exige um profissional capacitado, que deve estar preparado para considerar as questões psicológicas e cognitivas dos sujeitos com diferentes perfis. Acerca dessas questões, Soares (2005), acrescenta que se encontram lacunas em atitudes de alguns profissionais que muitas vezes infantilizam os jovens e os adultos e desestimulam os idosos com suas práticas educativas. Na investigação empreendida, em âmbito local, percebeu-se que não são todos os estudantes da EJA que se sentem estimulados com as aulas dos professores. Segundo Flávia, aluna da EJA, “às vezes achamos um pouco chato, eles têm que mudar um pouco”. De acordo com Freire (1996), as novas demandas educacionais exigem que o educador se qualifique e se requalifique uma vez que ‘a prática se faz e se refaz’, diferente da educação tradicional que se reciclava e educação de jovens adultos vai além do reciclar.

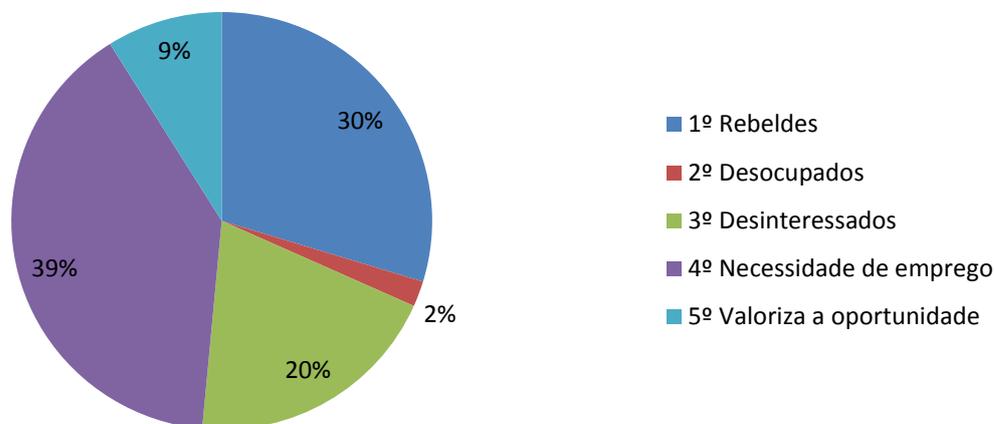
As fontes documentais coletadas e analisadas na Escola Walter Cabral, revelaram que os perfis, os desafios/dificuldades e os desejos do público da educação de jovens e adultos são variados. Tais singularidades precisam ser refletidas pelos profissionais da Escola, para que se busque melhores estratégias no acesso e permanência dos estudantes, combatendo assim, a evasão escolar. De acordo com Márcia, professora da EJA:

Na sua maioria, a diferença é tratada com igualdade. Quando um adulto mais velho necessita ficar mais próximo do quadro para ler ou tem alguma dificuldade em relação ao tempo de aula que é pouco, fazemos arranjos, os próprios colegas ajudam, e eu como professora tento ajudar, às vezes até copiando para eles. Quando era no bloco mais fácil, tínhamos mais tempo, agora são apenas 40 minutos de aula aí fica difícil.

No gráfico a seguir será apresentado as principais características dos estudantes na Escola Walter Cabral.

Gráfico 03: Características dos alunos da EJA

Características do aluno da EJA



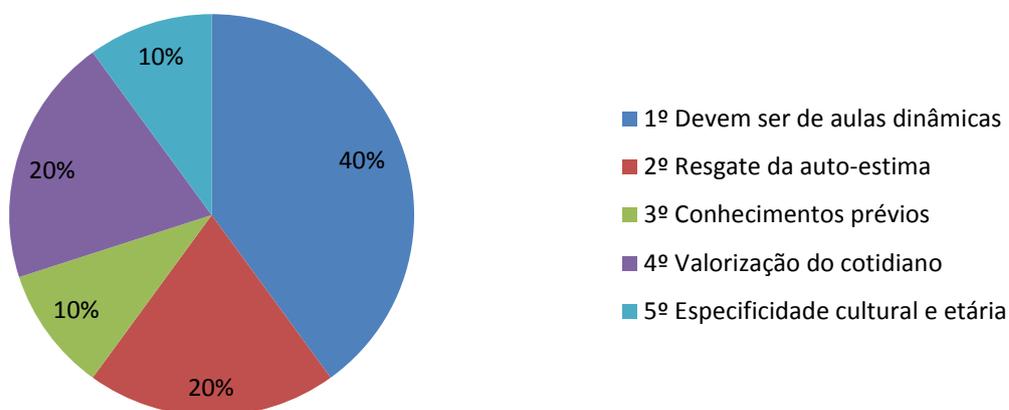
Fonte: do autor.

Ao analisar o gráfico acima percebe-se que há um percentual significativo de adolescente e jovens considerados rebeldes e desinteressados. Outra característica que chamou a atenção é que 39% desses estudantes buscam o acesso à escola com a intenção de conseguir uma vaga no mercado de trabalho, o que remete uma ligação estreita entre educação e trabalho.

No que se refere aos elementos fundamentais para o êxito na EJA, tem-se como destaque a valorização de aulas dinâmicas, da autoestima e da valorização do cotidiano.

Gráfico 04: Elementos fundamentais para o sucesso na EJA

Elementos fundamentais para o sucesso da EJA



Fonte: do autor.

Os resultados decorrentes da pesquisa refletem a necessidade de um novo olhar da escola e dos docentes com a educação de jovens e adultos, uma vez que 40% dos estudantes entrevistados afirmaram ser necessário rever as metodologias adotadas, tornando as aulas mais interessantes. Além disso, foi ressaltado o resgate da autoestima e da valorização dos saberes cotidianos dos alunos. Assim faz-se necessário um planejamento que considere as reais necessidades dos sujeitos, bem como, um olhar sensível aos objetivos que cada estudante busca na escola, pois a educação deve ser considerada como um processo humanizador, necessário a transformação da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar e promover uma reflexão sobre as questões metodológicas da educação de jovens e adultos representou um desafio tão árduo e tão gratificante quanto à atuação da modalidade.

Foi de grande valia a contribuição dessa pesquisa para minha formação, pois foi possível não só adquirir conhecimento quanto poder analisar e entender as necessidades de buscar e alcançar a formação de um ser social. Descobrir um pouco da história da EJA foi um engrandecedor de aprimoramento de informações e estratégias que certamente a floraram meus entusiasmos pela educação.

Após essas pesquisas muito me foi acrescentado em conhecimentos relacionados às descobertas sobre o tema referido, assim procurei absolver muitos conhecimentos necessários sobre os pontos que considerei chaves para minha formação, voltei minha atenção ao sujeito e a importância que o mesmo tem dentro da sociedade.

Durante a ocorrência dessa pesquisa foi possível perceber o complexo dos ingressantes dessa modalidade que é a educação de jovens e adultos por serem pessoas que poderiam já está aptos, aprendi que o sujeito engloba um público tamanho e vasto que precisa com respeito ser auto estimado, pois precisar ser resgatado não só de degradações sócias, mas na maioria das vezes dos descasos psíco emocionais.

Com relação às questões metodológicas ficou para mim constatado a grande importância em está fundamentada e ancoradas a diversas teorias desde que as suas finalidades sejam alcançar os objetivos e que estejam incluso o resgate e a construção do novo ser social.

Percebi a necessidade do profissional está inteiramente interessados pois só dedicação e proximidade interagindo serão possível ajuda esses alunos a construir conhecimentos como também resgatar a motivação e a identidades de cada um, como bem mencionou Freire a ética no agir profissional promove uma a proximidade que garante o êxito da pratica do professor. Assim relacionado ao professor da EJA pude concluir que a afetividade, a ética, o conhecimento da área e a dedicação podem garantir o começo de um grande trabalho com resultados excelentes.

Referente à problemática da pesquisa concluí que mesmo sem apoio e sem recurso a sociedades requer muito dos profissionais da educação como um todo, que verdadeiramente o futuro da nossa nação está nas nossas responsabilidades por isso cabe a nos profissionais da área a dedicação para o exercer de nossas funções.

Antes dessa experiência acreditava que o sucesso de fazer educação fosse um trabalho do corporativismo e que dependia mais da coordenação do que do profissional da sala de aula,

mas aprendi que não devemos nos preocupar com nós mesmos porque ninguém é mais influente que o professor nas mudanças da sociedade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e responsabilidades pública.** In: Soares, L. J. G.; GIOVANETTI, M.; GOMES, N. L. Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CONFERENCIA Internacional sobre Educação de Adultos, (1997). (Hamburgo: 14-18 de junho) Declaração de Hamburgo. Unesco, 1999.

DI PIERRO, M.C., (2000). **As políticas públicas de educação básica de jovens e adultos no Brasil** do período 1985/1999.

DI PIERRO, M. C., JOIA, O. RIBEIRO, V. M. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.** Caderno Cedes, ano XXI, n 55, novembro 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HADDAD, S., DI PIERRO, M. C. **Escolarização de Jovens e Adultos.** Revista Brasileira de Educação, (2000). São Pulo.

HADDAD, Sérgio, (1979). Promoção de programas de alfabetização, pós-alfabetização e educação de adultos em vinculação com instituições de ensino Superior no país. São Paulo, CRESALC/CEDI.

_____,(1997). A educação de pessoas jovens e adultas e a nova LDB. In: BRZEZINSKI, I. (org.), LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam. São Paulo: Cortez.

HADDAD. S. **A ação de governos locais na educação de jovens e adultos.** Revista Brasileira de educação: São Paulo. 2007.

PAIVA, V.P., (1973) **Educação popular e Educação de adultos.** São Paulo.

PAIVA, V.P. **Historia da educação popular do Brasil: educação popular e educação de adultos.** São Paulo:Loyola,2003.

SAVIANI, Dermeval. **O trabalho como princípio educativo às novas tecnologias.** In: FERRETTI, Celso J. et *al.* (Org.). **Novas tecnologias, trabalho e educação. Um debate multidisciplinar.** Petrópolis: Vozes, 1994, p. 147-167.

SOARES, Leôncio José Gomes. **Educação de Jovens e Adultos /Leôncio José Gomes Soares.** – Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (**Diretrizes Curriculares Nacionais**).

SOUZA, A. B. A escola representada por alunos de cursos de alfabetização e pós-alfabetização de jovens e adultos que passaram anteriormente pelo ensino regular: Contribuição à compreensão do cotidiano escolar. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-SP, 1994.

APÉNDICE